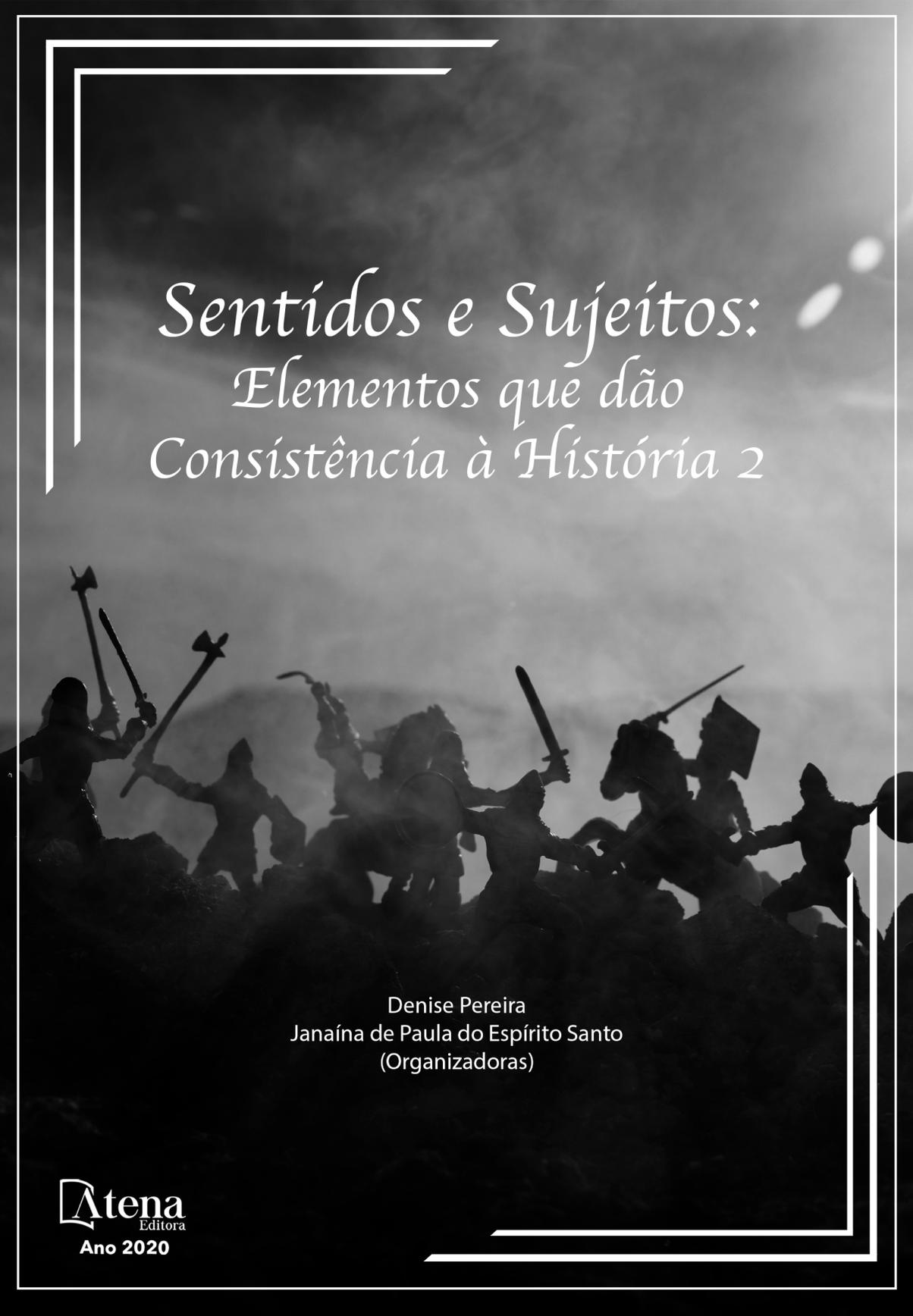


The background of the cover is a dramatic sunset or sunrise over a battlefield. The sky is a mix of orange, yellow, and dark grey, with some lens flare effects. In the foreground, the silhouettes of several medieval warriors are visible. Some are on horseback, while others are on foot. They are holding various weapons like swords, spears, and axes. The overall mood is historical and intense.

*Sentidos e Sujeitos:  
Elementos que dão  
Consistência à História 2*

Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)



*Sentidos e Sujeitos:  
Elementos que dão  
Consistência à História 2*

Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S478 Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 2 / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-650-8

DOI 10.22533/at.ed.508201112

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

## APRESENTAÇÃO

Conhecer, é estabelecer sentido. O ato de viver, quando ultrapassa a esfera da sobrevivência, é portanto o ato de conhecer e dar sentido ao mundo e as pessoas. Esse conhecimento não é abstrato, visto que o modo com que nos relacionamos com o conhecimento tem um impacto direto no processo de ensino aprendizagem e também no modo como encaramos os espaços de construção do conhecimento como todo. Há, da mesma maneira uma diferença no tratamento que damos à tensão existente entre a informação produzida pela ciência e aquela a que temos acesso cotidianamente, que reside exatamente na conexão que estamos dispostos a reconhecer entre o conhecimento, a informação e a experiência cotidiana dos indivíduos. De maneira geral, essa relação é vista atualmente, como um elemento de embates e resistências, em uma dinâmica própria, que não é sempre harmônica. Essa espécie de tensão é particularmente visível no momento em que vivemos: há uma espécie de conservadorismo que está em crescimento no Brasil atualmente se alimenta dela, e que se coloca, muitas vezes como resistente a ciência de referência e aos consensos científicos reconhecidos. Há uma factualização das informações que passam a fazer sentido para o indivíduo validadas especialmente pela sua própria experiência com o real. Assim, os “espaços de domínio público” do conhecimento vem ganhando cada vez mais dimensão no processo da formação de opiniões, posicionamentos e referenciais das pessoas.

Esse movimento não é um fenômeno apenas nacional, mas se verifica em diferentes partes do globo, o que demonstram a necessidade uma reflexão constante sobre todo esse processo de construção de verdades e sentidos do pensamento humano sobre o mundo. Se o pensamento é construído no espaço de relação entre as pessoas, no reconhecimento e na interação dos indivíduos, esse também é um espaço que deve ser foco de estudos e reflexões. É na relação, no reconhecimento e na exploração da construção de sentido dos grupos humanos e entendimento de que os sujeitos estão a todo momento dando sentido à sua realidade (que portanto, se está contido na maneira em que cada indivíduo constrói sua experiência de mundo e do conhecimento) que a história adquire profundidade, riqueza e forma. É dessa experiência que os saberes históricos constroem seus significados e sua relevância para as pessoas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura  
Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“NÃO FORAM OS DEUSES, NEM FOI A MORTE DE DEUS, NÃO FOI O JABÁ DA ACADEMIA QUE MATOU A POESIA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A JUVENTUDE NA PÓS-MODERNIDADE	
Marlon Jose Gavlik Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.5082011121	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA MARXIANA NA EMANCIPAÇÃO DA MULHER NO CAMPO DE TRABALHO ANTE A OPRESSÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA	
Renata Reis de Lima	
Jenucy Espíndula Brasileiro	
DOI 10.22533/at.ed.5082011122	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A FAMÍLIA COMO BASE: NACIONALISMO, EXÉRCITO E EDUCAÇÃO	
Felipe Varzea Lott de Moraes Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5082011123	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
EL FERROCARRIL, PARAJES DE LA HISTORIA EN EL NORTE DE MÉXICO, VILLA PASO DEL NORTE, 1880	
Lidia G. Sandoval Rivas	
Luis Herrera Terrazas	
DOI 10.22533/at.ed.5082011124	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>44</b>
A MEMÓRIA AIKEWARA DO TEMPO DA GUERRA E OUTROS TEMPOS NO ARAGUAIA	
Nadine Borges	
Wilson Madeira Filho	
Ana Motta Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.5082011125	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
A MORADA NORDESTINA: A ARQUITETURA COMO PARTE DA PAISAGEM E INDENTIDADE	
Gabriela de Sousa Vieira	
Miriam Ferreira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5082011126	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>68</b>
AS MARAVILHAS EM <i>EMBAIXADA A TAMERLÃO (1406)</i>	
Jorge Luiz Voloski	
Sofia Alves Cândido da Silva	
Lucas Vieira dos Santos	

DOI 10.22533/at.ed.5082011127

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
AS MARCAS DA DITADURA NO CONTEXTO SOCIAL DA HISTÓRIA E SUAS SOMBRAS NA CONTEMPORANEIDADE Daniel de Oliveira Perdigão DOI 10.22533/at.ed.5082011128	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>86</b>
ASPECTOS DA HISTÓRIA CULTURAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CHARTIER Odair Vieira da Silva DOI 10.22533/at.ed.5082011129	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>99</b>
ASTRONOMIA CULTURAL: UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE E SOB OS CÉUS DO BRASIL Flavia Pedroza Lima Rundsthen Vasques de Nader DOI 10.22533/at.ed.50820111210	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>106</b>
BELEZA NAS ALTURAS: AEROMOÇAS E UNIFORMES NA ESTÉTICA DO BEM VESTIR Felipe Bastos Maranezi Natalia Scarabeli Zancanari DOI 10.22533/at.ed.50820111211	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>116</b>
CAMINHOS DA MODERNIDADE: A AMAZÔNIA SOB OS SIGNOS DE UM TEMPO ACELERADO (1915-1940) Leticia Souto Pantoja DOI 10.22533/at.ed.50820111212	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
CHRISTINE DE PIZAN E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA GUERRA Carmem Lúcia Druciak DOI 10.22533/at.ed.50820111213	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
CIDADE SINOP, MATO GROSSO: NO/PELO DISCURSO DO IMPRESSO JORNAL HOJE, A CONSTRUÇÃO DE UMA TERRA DE PROGRESSO E OPORTUNIDADE Leandro José do Nascimento DOI 10.22533/at.ed.50820111214	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
CINEMA, HISTÓRIA E CRÍTICA: APONTAMENTOS SOBRE ÉLIE FAURE Erivan Cassiano Karvat DOI 10.22533/at.ed.50820111215	

<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>171</b>
CONSERVADORES X MODERNISTAS: OS EMBATES ENTRE OS CONCÍLIOS PROTESTANTES ESTADUNIDENSE NO SÉCULO XX	
José Roberto de Souza Paulo Julião da Silva Stefano Alves dos Santos Josielson Lira Matos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111216</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>183</b>
DIALÉTICA CULTURAL ESPIRALADA: <i>CONSTRUCTO</i> PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Nicolas Theodoridis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111217</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>194</b>
INFÂNCIAS TRADICIONAIS NEGRAS NA HISTÓRIA BRASILEIRA	
Mariane Oliveira Nunes Valéria Amim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111218</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>203</b>
MOVIMENTO EMANCIPACIONISTA NA DÉCADA DE 1980, MEMÓRIA E IDENTIDADE, A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO NAS VOZES DA COMUNIDADE JAPERIENSE COMO UMA HISTÓRIA PÚBLICA	
Adna Gomes Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111219</b>	
<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>214</b>
O CÉU DO INDÍGENA BRASILEIRO - UMA ASTRONOMIA CULTURAL	
Marcelo Augusto do Amaral Ferreira Rundsthen Vasques de Nader Luiz Carlos Borges	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111220</b>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>220</b>
O COMÉRCIO E A EVOLUÇÃO ESPACIAL DAS ÁREAS CENTRAIS DAS PEQUENAS CIDADES: O CASO DE PORTALEGRE	
Miguel Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111221</b>	
<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>243</b>
O SOL NASCENTE EM TERRA TUPINAMBÁ: A EXPERIÊNCIA DE IMIGRANTES JAPONESES DO MARANHÃO NA DÉCADA DE 1960	
Hemelita da Silva e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111222</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>255</b>
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: ASPECTOS HISTÓRICOS (1980-2008)	
Odair Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111223	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>268</b>
PLURALISMO NA CIÊNCIA ECONÔMICA OU UM ESTADO TRANSITÓRIO EM DIREÇÃO A UM NOVO <i>MAINSTREAM</i> PÓS-NEOCLÁSSICO?	
Marcelo de Carvalho Azevedo Anache	
Luiz da Costa Laurencel	
Carlos Benevenuto Guisard Koehler	
DOI 10.22533/at.ed.50820111224	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>277</b>
MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E SOCIOCULTURAIS NA FESTA DA SANTA CRUZ PADROEIRA DO MUNICÍPIO DE TAQUARANA-AL	
Ana Cristina de Lima Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111225	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>284</b>
UNIDOS PELA DEMOCRACIA: AS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO E OS ENREDOS POLÍTICOS NA DÉCADA DE 1980	
Guilherme José Motta Faria	
DOI 10.22533/at.ed.50820111226	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>299</b>
VISITAÇÕES TUMULARES E SIGNOS DE COMUNICAÇÃO: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA E SENSÍVEL	
Marcia Regina de Oliveira Lupion	
DOI 10.22533/at.ed.50820111227	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>310</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>311</b>

# CAPÍTULO 3

## A FAMÍLIA COMO BASE: NACIONALISMO, EXÉRCITO E EDUCAÇÃO

*Data de aceite:* 01/12/2020

*Data de submissão:* 05/10/2020

**Felipe Varzea Lott de Moraes Costa**

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Niterói, Estado do Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/4609450195451362>

Este artigo foi apresentado originalmente no 2º Encontro Internacional História & Parcerias, evento organizado pela seção fluminense da Associação Nacional de História (ANPUH-RJ), em outubro de 2019, na cidade do Rio de Janeiro.

**RESUMO:** Essa apresentação busca propor uma nova forma de entender o nacionalismo brasileiro, principalmente o mais vinculado ao Exército, no século XX. Pretendemos demonstrar como a crescente profissionalização do Exército, tanto em um nível institucional, quanto simbólico, a partir dos anos 1930 contribuiu para o fortalecimento e a consolidação do nacionalismo no Brasil. Além do desenvolvimento industrial que se registrou no período, o desenvolvimento da educação do país também foi responsável por engendrar um “espírito nacional”. Nesse sentido, a formação de um modelo de família militar, baseada em um militar e uma professora normalista, pode nos ajudar a entender a proporção e a capilaridade que o nacionalismo alcançou no Brasil, durante os anos 1930 a 1960.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nacionalismo, família militar, exército, educação.

### THE FAMILY AS A BASIS: NATIONALISM, ARMY AND EDUCATION

**ABSTRACT:** This presentation seeks to propose a new way of understanding Brazilian nationalism, especially the most closely linked to the Army, in the 20th century. We intend to demonstrate how the increasing professionalization of the Army, both at an institutional and symbolic level, from the 1930s contributed to the strengthening and consolidation of nationalism in Brazil. In addition to the industrial development that was registered in the period, the development of the country's education was also responsible for engendering a “national spirit”. In this sense, the formation of a military family model, based on a military officer and a teacher, can help us understand the proportion and capillarity that nationalism reached in Brazil during the 1930s and 1960s.

**KEYWORDS:** Nationalism, military Family, Army, education.

Esse artigo busca apresentar um primeiro esboço sobre um aspecto do funcionamento das Forças Armadas, em especial o Exército, que pude vislumbrar na minha dissertação de mestrado sobre a trajetória política de Edna Lott, ex-deputada estadual pelo estado da Guanabara, durante a década de 1960, mas que não tive espaço, nem tempo, para me aprofundar (LOTT, 2019). Para melhor situarmos o leitor, Edna Lott ingressou na política, pela primeira vez, no momento em que se começava a ventilar a candidatura presidencial de seu pai, então ministro da Guerra, marechal Lott,

dentro do Partido Social Democrático (PSD) no ano de 1959. Nesse ano de 1959, quando amadurecia a candidatura de Lott no PSD, e o início do ano de 1960, Edna Lott começou a participar da vida eleitoral e partidária do país a partir da mobilização da personagem da “filha do candidato”. Essa posição de “filha do candidato” não se resumia, em primeiro lugar, a uma filha genérica, ou seja, era filha de um candidato militar, e, em segundo lugar, Edna Lott também mobilizava outras personagens arquetípicas femininas para participar da política como (1) esposa/viúva, de modo geral, e de militar, em particular, (2) mãe e (3) professora normalista.

Todo esse emaranhado simbólico não era movimentado à toa, baseava-se em um largo campo simbólico civil, mas, sobretudo, militar. Encaixar-se na imagem que os militares faziam de “filha”, ou seja, fiel aos valores castrenses, casada com outro militar, mãe de muitos filhos e, caso exercesse uma profissão, professora normalista, como era o caso de Edna Lott, servia como grande munição para a campanha presidencial de Lott, que, em larga medida, apresentava-se como o candidato da caserna. Essa tática da campanha presidencial de Lott tinha como principal objetivo criar uma relação afetiva e simbólica com os seus eleitores. Lott seria o grande pai e Edna serviria como canal de conexão do povo com esse grande pai, como seus filhos. Buscava-se gerar, dessa forma, o sentimento de pertencimento a mesma família entre o candidato do PSD e o povo a partir dessa primeira dinâmica desempenhada por Edna Lott, promovendo uma relação de irmandade entre Edna e o povo, filhos do mesmo Pai. Essa família que a campanha buscava promover a partir de Edna Lott, no entanto, não era unicamente militar. Era, em pé de igualdade com o espírito da caserna, nacionalista. Na eleição presidencial de 1960, Lott era o grande candidato do nacionalismo (CARLONI, 2014) e a atuação de Edna Lott, fervorosa nacionalista, buscava gerar, justamente, o sentimento de pertencimento à mesma família brasileira, a família nacionalista.

Essa questão nos remete diretamente a conceituação de Benedict Anderson (2008) sobre nacionalismo, que prefere ver esse fenômeno “do mesmo modo que se trata o ‘parentesco’ ou a ‘religião’, em vez de colocá-lo ao lado do ‘liberalismo’ ou do ‘fascismo’.” (p. 32). Não pretendemos afirmar que o nacionalismo se restrinja apenas a definição de Anderson, mas como uma de suas dimensões. Assim, Anderson define o nacionalismo como “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.” (2018, p. 32). Dentro dessa definição, cabe-nos colocar o questionamento de Chatterjee (2000), que dá título a seu artigo, a Anderson: comunidade imaginada por quem? Na dimensão que pretendemos trabalhar, a comunidade é imaginada pelo Exército. Por isso, propomos colocar o foco da imaginação do Exército, ou seja, de sua construção simbólica dentro da estrutura mais básica da sociedade, considerada desde os tempos de Aristóteles, a família. Ver como essa “família militar” se estrutura e se vê é fundamental para entendermos o tipo de nacionalismo que foi proposto pelo Exército no século XX, inclusive considerando os embates dentro dessa “família”.

O nacionalismo, como afirma Hobsbawm (2016), muito provavelmente foi o grande movimento político do século XX. As duas grandes guerras mundiais arrasaram as grandes potências europeias, proporcionando o surgimento de novos Estados-nação por todo o mundo. Na Europa, com o esfacelamento do absolutismo monárquico produzido pela I Guerra Mundial, principalmente da Áustria-Hungria, viu-se a emergência de uma série de nacionalidades antes suprimidas em um mesmo território e baixo um mesmo governo, sobretudo na Europa oriental. A destruição produzida pela II Guerra Mundial, por sua vez, desencadeou uma série de lutas anticoloniais e independentistas em África e Ásia, fazendo surgir novos Estados-nação onde antes haviam, basicamente, colônias de exploração das potências europeias. Essas lutas de independência, convulsionadas pela Guerra Fria, também encontraram reverberação em países da Europa ocidental, como Espanha e Irlanda aumentando a temperatura das lutas nacionalistas.

No continente americano, em especial na América Latina, os ventos nacionalistas do século passado também sopraram forte. Percebendo-se “autônomos” politicamente, mas completamente dependentes economicamente, agora de novas metrópoles coloniais, os países da América Latina assistiram a diversas lutas de emancipação em suas terras. O Brasil, apesar de frequentemente não se ver como país latino-americano, não foi exceção, tendo o nacionalismo brasileiro ganhado força crescente a partir, poderíamos considerar, da Proclamação da República e conquistando uma feição mais nítida e formal a partir dos anos 1920. Para sermos mais exatos, poderíamos firmar no ano de 1922 a data de um início oficial do nacionalismo mais visível e reivindicante, devido aos diferentes setores que começavam a se apropriar das pautas nacionais ou se preocupar com a identidade nacional. Esse ano foi importante não apenas pela decadência desenfreada da República Oligárquica, mas também devido ao centenário da Independência que colocava em questão se o Brasil havia, realmente, conquistado sua independência.

Dos diferentes eventos que galvanizaram o sentimento nacionalista naquele ano, em meio a um crescente processo de industrialização e urbanização do país, podemos citar três que serviram como centros de irradiação do nacionalismo brasileiro nas décadas vindouras até, poderíamos dizer, os anos 1980. São eles: (1) a Semana de Arte Moderna de São Paulo, realizada entre os dias 11 e 18 de fevereiro, que reuniu intelectuais para se pensar a identidade brasileira e expressá-la de maneira própria e autêntica; (2) a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), em 25 de março, o primeiro partido brasileiro de caráter realmente nacional surgido no bojo das greves do final da década de 1910 e da Revolução Russa de 1917; e (3) o primeiro levante tenentista, no episódio dos 18 do Forte de Copacabana, em 5 de julho, que galvanizou o Exército pela década de 1920 adentro desembocando na Revolução de 1930. Desses três atores políticos principais apresentados acima, nosso texto se debruçará, como já dissemos anteriormente, apenas sobre as Forças Armadas.

Embora possamos, como faz Nelson Werneck Sodré (2010), atribuir ao florianismo um forte caráter nacionalista, o Exército ainda era uma instituição bastante frágil para sustentar suas posições políticas na disputa pela condução dos destinos do país. Além disso, as condições materiais, que poderiam sustentar o florianismo, só começariam a demonstrar maior musculatura nos finais da década de 1910, com o robustecimento da burguesia industrial brasileira (MCCAN, 2007, p. 276). Até o governo Hermes da Fonseca, que buscou modernizar a instituição, o Exército não possuía uma estrutura minimamente estabelecida aos moldes dos exércitos profissionais. Essa situação possuía relação direta com a disputa política entre Exército e oligarquias regionais, principalmente a paulista. Como forma de se proteger da ação dos militares, as oligarquias, que assumiram o poder a partir de Prudente de Moraes, trataram de desaparecer o Exército ao mesmo tempo em que melhor equiparam a Marinha e fortaleceram suas milícias regionais para fazer frente, justamente, ao Exército (WERNECK SODRÉ, 2010; MCCAN, 2007; CARVALHO, 2006).

Essa situação começaria a ser reparada a partir das primeiras tentativas de se contratar uma missão militar alemã, durante o governo Hermes da Fonseca, que acabou pelo envio de oficiais brasileiros, que ficariam conhecidos como Jovens Turcos, para realizarem treinamento militar na Alemanha. Devido às grandes disputas comerciais entre as potências europeias e os Estados Unidos, que desejavam que o Brasil contraísse acordos com a indústria bélica de seus respectivos países, e com a derrota da Alemanha na I Guerra Mundial, o Exército brasileiro acabaria por contratar uma missão militar francesa com a incumbência de modernizar a força terrestre do Brasil, em 1919. A partir desse momento, por influência dos Jovens Turcos, através do jornal *A Defesa Nacional*, e da Missão Militar Francesa, o Exército passaria por uma modernização institucional crescente. No entanto, os problemas materiais não eram os únicos a comprometer o bom funcionamento do Exército. Faltava a corporação, devido a suas debilidades estruturais, uma maior coesão que unificasse os efetivos militares espalhados pelo país. Se havia necessidade de uma centralização dos aspectos institucionais da corporação, também carecia bastante um complexo simbólico que pudesse gerar uma identidade militar própria que unificasse o Exército brasileiro.

Esse conjunto simbólico só começaria a ganhar forma a partir das reformas propostas pelo general José Pessoa, na segunda metade da década de 1920, principalmente no campo da educação militar (CASTRO, 2012 e 2002). Essa identidade militar, que começava a ser formalizada, não se estendia apenas ao corpo de oficiais e praças do Exército, passaria a abranger também as esposas, os filhos, isto é, a “família militar” um conceito nativo que “procura estender os laços parentais para além da família nuclear”, no caso os demais militares (CHINELLI, 2018, p. 77). Esse fenômeno ocorre devido ao “escasso contato com as famílias de origem”, tornando-se “muito comum que oficiais, esposas e filhos se voltem para seus pares” (CHINELLI, 2018, p. 77). Nesse sentido, o Exército, ao final da década de 1920, começava a rumar para a sua transformação em uma operante instituição totalizante

(CASTRO, 2004), abarcando, entre outros temas, a família dos militares. Até o início da década de 1920, não há muitas possibilidades em se falar em uma família militar, pois essas famílias ligadas à caserna viviam, majoritariamente, entre os civis (MCCAN, 2007, p. 276). Não havia instalações propriamente militares que pudessem promover uma interação entre os militares e suas famílias, formando, assim, um sentido de pertencimento social e simbólico. Essas instalações são desde lugares para treinamento e hospedagem, como a Vila Militar, até os diferentes clubes de recreação e igrejas dentro de áreas militares, que promovessem não somente o espírito de corpo entre os militares, mas também não os isolassem do convívio com as suas famílias.

De certa maneira, esse sentimento do Exército enquanto uma grande família já existia de maneira latente. O processo de conscrição do Exército sempre apresentou um forte traço endógeno (BARROS, 2018), ainda que, antes da República, a corporação tenha sido um local quase que exclusivamente privado para a reprodução de uma certa “nobreza das armas” (CARVALHO, 2006, p. 16-9; CASTRO, 1995). A ideia de família militar em estado latente, antes do início da popularização das Forças Armadas conforme o país se aproximava da Proclamação da República em diante, possuía um sentido mais aristocrático do que propriamente de uma profissão com a missão de servir ao público, no caso a defesa do país. Ainda que o Exército tenha conseguido se profissionalizar nesses anos, a corporação ainda esbarrava na debilidade de uma estrutura institucional que pudesse preparar a tropa e albergar essas relações sociais e simbólicas. Por isso, somente após um longo processo, começando com a reforma de promoções de 1850 (CASTRO, 1995, p. 27-8), o Exército conseguiria estabelecer um caráter mais institucional e formal à corporação com as reformas no campo educacional e simbólico, promovidas pelo general José Pessoa, e organizativo e estrutural, com a atuação destacada do general Góes Monteiro.

A partir dessa nova configuração, que só foi possível consolidar com a instauração do Estado Novo, o Exército pôde se organizar de modo a fazer, na frase célebre de Góes Monteiro, “a política do Exército e não no Exército”. Nesse longo processo, podemos colocar o nacionalismo como a principal bandeira adotada pela corporação, ainda que ela possa apresentar vários matizes que se mostraram, de maneira mais aberta, nas disputas político-militares das décadas de 1950 e início de 1960. Dentro desses partidos militares, como propõe Rouquié (1980), podemos identificar três correntes principais: (1) um nacionalismo conservador, composto por militares que apoiavam Getúlio Vargas pelo Estado Novo, mas que o defenestravam pela sua aproximação com a classe trabalhadora; (2) um nacionalismo mais progressista, que defendia a soberania nacional e mais próxima das organizações e interesses populares; (3) um internacionalismo, que, ao contrário dos outros dois partidos militares, defendia o investimento estrangeiro e a redução do papel do Estado na economia. Independente das disputas político-militares, podemos observar uma estrutura básica comum que unifica esses três partidos militares, além do pertencimento a uma mesma estrutura militar, isto é, a família militar.

Quando observamos a família militar encontramos um típico modelo formado por um militar casado com uma mulher que geralmente é filha de militar ou irmã de militar, ou com algum outro parentesco próximo. Desse casal, espera-se que a mulher tenha muitos filhos (SILVA & COSTA, 2018, p. 144) e, caso exerça uma profissão, a de professora normalista é vista como ideal. Esse é o modelo básico para a dita família militar, que possui um poder simbólico muito forte. A força colocada na relação entre Exército e família ganhou tal proporção que o casamento, principalmente nesses moldes, é visto como “uma forma de o militar reafirmar a eficácia da formação que recebeu e de exercer os valores do grupo.” (ADÃO, 2018, p. 32). Para não nos estendermos muito, podemos nos resumir às já famosas relações afetivas que ocorriam, e ainda ocorrem, entre os estudantes do Colégio Militar e as alunas do Instituto de Educação, ambos localizados no bairro da Tijuca no Rio de Janeiro (SILVA & COSTA, 2018, p. 139). O coronel Ivan Cavalcanti Proença, por exemplo, em entrevista concedida ao autor no dia 12 de janeiro de 2017, relembra que

nós (militares) temos uma relação muito afetiva com o Colégio Militar, e na época havia um relacionamento social muito interessante do Colégio Militar com o bairro e com a sociedade em geral, não era só com o bairro, não, mas muito com o Instituto de Educação que formava as normalistas, as professoras.

Havia bailes no Colégio Militar, todo sábado vinham as normalistas ou vice-versa, havia sessão de cinema sábado à noite, as moças iam também para o cinema, aquela coisa também da farda. Aí havia grande rivalidade com Pedro II, Escola Técnica, os jovens de outros colégios ficavam (ciosos), as moças sempre ficavam (interessadas), é o velho fascínio da farda, [...]; guardada as proporções, aluno do Colégio Militar tinha essa coisa com as alunas do Instituto Rabello de um lado, do Pedro II e, principalmente, com as moças do Instituto de Educação. Então, havia uma relação social, às vezes, conflitante, nesse caso, mas muito aconchegante sobre outros aspectos.

Havia, portanto, um encontro afetivo entre os alunos do Colégio Militar e as alunas do Instituto de Educação que acabavam, em muitos casos, em casamento. Com o tempo, poderíamos dizer que essa união formou uma espécie de modelo para as relações conjugais para os militares, inclusive aqueles que prestavam seu serviço fora do Rio de Janeiro. No entanto, somente isso não explica essa relação entre militares e professoras. Precisamos entender esse fenômeno pela configuração social brasileira do início do século XX, além da estabilidade que significava o casamento com um militar e com uma professora para seus cônjuges. A partir desse século, as mulheres, entendidas como “de família”, passaram gradualmente a participar mais efetivamente do mercado de trabalho (BASSANEZI, 2002; MALUF & MOTT, 1998). Entre as profissões disponíveis, destacavam-se as de enfermeira e de professora vistas como adequadas para o serviço feminino devido à sua “feminilidade”, ou seja, exigiam características e habilidades vistas como femininas, tais como “cuidado”, “afeto”, “amor”, “acolhimento”. Dentro dessas normas sociais, o magistério se apresentava como a representação ideal. Para a professora, a escola figurava como uma casa expandida

e os alunos, seus filhos por extensão (LOURO, 2002). A diferença entre espaço público, reservado aos homens, e espaço privado, local onde as mulheres deveriam se limitar, era mitigada, uma vez que o espaço público da escola, nessa situação, era visto e configurado como um espaço privado ampliado.

Se as mulheres puderam conquistar o mercado de trabalho e, por conseguinte, maior autonomia em relação aos seus maridos e pais através da educação, o Exército também se utilizaria da educação para conquistar seus objetivos. Em meio às disputas pela aprovação do serviço militar obrigatório, através de sorteio durante as duas primeiras décadas do século XX, o Exército se apresentou, recorrentemente, como uma “escola da nacionalidade” (MCCAN, 2007, p. 41). Seu argumento se baseava em ser a única instituição em conferir um caráter nacional ao povo brasileiro, tão carente, segundo a corporação, de uma identidade nacional e de modos mais aceitáveis socialmente. Para sanar a “balbúrdia” social, desatada, segundo as ideias dominantes da época, pela Abolição e pela Proclamação da República, o Exército se oferecia, na medida em que precisava de contingente para a tropa, como o instrutor e formador do povo brasileiro. Nesse sentido, vemos uma clara confluência entre a mulher educadora e o militar educador. O matrimônio entre os dois, poderíamos dizer, apresentava a união de um forte sentimento civilizador, ou pelo menos convergência de funções civilizadoras.

Essa dinâmica conjugal entre formadores do “caráter brasileiro” ganharia cada vez mais força nos anos 1930 em diante. Tomando alguns dos teóricos do nacionalismo, essa dinâmica pode ter ocorrido devido ao processo de industrialização mais substancial ocorrido a partir da década de 1930. Com a quebra da bolsa de valores em 1929, em Nova Iorque, a economia agroexportadora brasileira se viu em problemas insolúveis, que, por consequência, arrasou a estrutura política de dominação oligárquica baseada na política dos governadores e na alternância presidencial entre paulistas e mineiros. Voltada para o mercado externo, a economia brasileira foi obrigada a avançar no desenvolvimento das suas próprias forças produtivas internas, ou seja, teve que intensificar seu processo de industrialização (BIELSCHOWSKY, 2004). Para Bauer (2000) e Gellner (2000), o nacionalismo se engendra a partir da industrialização, que, gradualmente e crescentemente, passa a requerer mão-de-obra mais qualificada, que, por sua vez, promove um desenvolvimento e sofisticação nas normas e nas operações requisitadas para a produção. Cada vez mais, segundo eles, torna-se importante dispor de trabalhadores mais capacitados em realizar atividades mais complexas, exigindo aos trabalhadores uma formação educacional mais sofisticada.

Essas normas e operações cada vez mais sofisticadas são, ao mesmo tempo, cada vez mais generalizadas, sem espaço para as especificidades locais. Nesse sentido, as identidades locais vão sendo, segundo esses autores, suplantadas por identidades nacionais mais genéricas. Nessa visão de Bauer e Gellner, o nacionalismo surgiu como uma necessidade da indústria por trabalhadores melhor capacitados e mais homogêneos, formando, assim, identidades nacionais ao invés de identidades regionais e locais. Quando

nos debruçamos sobre o desenvolvimento brasileiro, podemos perceber essa dinâmica. Até 1930, o Brasil era um arremedo de estados que objetivavam satisfazer as necessidades de suas oligarquias regionais. Não havia propriamente uma identidade nacional. A partir da Revolução de 1930, o Estado brasileiro, gradualmente reformado, passaria a se preocupar em criar uma imagem de país, uma identidade nacional que suplantasse os interesses regionais.

Até o momento, não consegui me debruçar sobre a atuação do Estado brasileiro pós-1930, principalmente durante o Estado Novo, em relação à educação. Não obstante, a hipótese que buscamos desenvolver atribui uma importância grande da educação na construção da identidade nacional e, por conseguinte, no surgimento e desenvolvimento do nacionalismo. Que a atuação do governo de Vargas na educação foi substancial, nos anos 1930 e 1940, não restam dúvidas. Falta-nos pesquisar como era o projeto e a realização desse projeto no âmbito da educação, no sentido de construir uma identidade de Brasil em uma população ainda muito regionalizada. Também no mesmo período as Forças Armadas receberam um incremento substancial em seu orçamento, alcançado um patamar nunca antes visto pela corporação. O Exército, como também dissemos, também se enxergava como o formador do caráter nacional na população. Isso responde por que o Exército possui tamanha importância e legitimidade nas disputas políticas da IV República. Acreditamos, portanto, que podemos encontrar novas respostas para o funcionamento das Forças Armadas e o desenvolvimento do nacionalismo, no Brasil, a partir do estudo da família militar e de sua relação intrínseca ao sistema educacional do país.

## REFERÊNCIAS

ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. **Projeto e individualismo: considerações sobre a adesão das esposas ao projeto profissional dos oficiais do Exército brasileiro.** In: CASTRO, Celso. (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências.* Rio de Janeiro: FGV, 2018.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARROS, Alexandre de Souza Costa. **Parentesco entre membros das Forças Armadas brasileiras.** In: CASTRO, Celso. (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências.* Rio de Janeiro: FGV, 2018.

BASSANEZI, Carla. **Mulheres nos anos dourados.** In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil.* Carla Bassanezi (coord. De textos). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

BAUER, Otto. **A nação.** In: Gopal Balakrishnan (org.). *Um mapa da questão nacional.* introd. Benedict Anderson. trad. Vera Ribeiro. revis. trad. César Benjamin. 1.ed. 1.reimp. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 5.ed. 4. reimp. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

CARLONI, Karla. **Marechal Lott, a opção das esquerdas: uma biografia política**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

CARVALHO, José Murilo. **As Forças Armadas na Primeira República: o Poder Desestabilizador**. In: CARVALHO, José Murilo. *Forças Armadas e política no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CASTRO, Celso. **Apresentação**. In: CASTRO, Celso (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

\_\_\_\_\_. **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. 2.ed. revista. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Inventando tradições no Exército brasileiro: José Pessoa e a reforma da Escola Militar**. In: CASTRO, Celso. *Exército e nação: estudos sobre a história do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

\_\_\_\_\_. **José Pessoa e a reforma da Escola Militar**. In: CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

CHARTEJEE, Partha. **Comunidade imaginada por quem?** In: Gopal Balakrishnan (org.) *Um mapa da questão nacional*. introd. Benedict Anderson. trad. Vera Ribeiro. revis. trad. César Benjamin. 1.ed. 1.reimp. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

CHINELLI, Fernanda. **Família militar: apontamentos sobre uma comunidade performada**. In: CASTRO, Celso (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

GELLNER, Ernst. **O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe**. In: Gopal Balakrishnan (org.) *Um mapa da questão nacional*. introd. Benedict Anderson. trad. Vera Ribeiro. revis. trad. César Benjamin. 1.ed. 1.reimp. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. 7.ed. trad. Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

LOTT, Felipe. **Edna Lott, entre a democracia e a ditadura: 10 anos de luta política (1959-1969)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (coord. De textos). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recôndito do mundo feminino**. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. vol. 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Fernando A. Novais (coord.). 9. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MCCAN, Frank D. **Soldados da pátria: História do Exército brasileiro, 1889-1937**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ROUQUIÉ, Alain. **Os processos políticos nos partidos militares do Brasil. Estratégia de pesquisa e dinâmica institucional**. In: Os partidos militares no Brasil. Rouquié, Alain. (org.). Rio de Janeiro: Record, 1980.

SILVA, Ester Nunes Praça da; COSTA, Livia Alessandra Fialho. **Mulheres casadas com militar: anotações sobre dinâmicas conjugais**. In: CASTRO, Celso. (org.). *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

WERNECK SODRÉ, Nelson. **História militar do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Araguaia 44, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 57

Astronomia 99, 100, 101, 102, 103, 105, 214, 215, 216, 217, 218, 219

### C

Cinema 28, 106, 119, 133, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 229

Comércio 116, 117, 118, 119, 124, 128, 162, 163, 205, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 245, 247, 282

Conservadores 171, 172, 173, 177, 178, 179, 285, 296

### D

Democracia 13, 15, 18, 19, 22, 31, 85, 284, 286, 293, 297

Dialética Cultural 183, 189, 190, 191

Ditadura 31, 51, 55, 57, 82, 83, 84, 85, 204, 285, 286, 287, 288, 289, 292, 294, 295, 297

### E

Escolas de Samba 284, 286, 287, 290, 291, 293, 297, 298

Estado Transitório 268, 271, 275

### F

Família 15, 16, 17, 18, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 49, 54, 55, 108, 121, 125, 144, 162, 184, 195, 198, 202, 217, 218, 245, 247, 250, 251, 302

Ferrovia 33

### H

História Cultural 86, 87, 88, 90, 91, 98, 108, 109, 113, 114, 145, 299

História Pública 203, 204, 206, 207, 210, 212, 213

### I

Identidade 1, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 22, 25, 26, 29, 30, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 111, 112, 115, 127, 135, 138, 139, 141, 143, 158, 171, 177, 203, 205, 224, 226, 254, 256, 267, 278, 298

Imigrantes Japoneses 243, 244, 245, 248, 249, 251, 252

Indígena Brasileiro 214, 217

### M

Memória 44, 114, 115, 149, 150, 156, 158, 203, 243, 254

Memória Aikewara 44

Modernistas 171, 173, 179

Morada Nordestina 58, 66

## **N**

Nacionalismo 23, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 291

## **O**

Organização Curricular 255, 256, 261, 262

## **P**

Pós-Modernidade 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 114, 224

Pós-Neoclássico 268, 271, 275

## **R**

Representação 6, 28, 76, 88, 91, 95, 96, 98, 108, 112, 127, 135, 156, 157, 184, 187, 195, 238, 293

Roger Chartier 86, 87, 88, 90, 91, 97, 98

## **S**

Sociedade Capitalista 13, 14, 15, 21

Sol Nascente 243, 254

## **T**

Teoria Marxiana 13



*Sentidos e Sujeitos:  
Elementos que dão  
Consistência à História 2*

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020

# *Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História 2*



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020